



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 14 N. 01 2018

Literatura

Ode à margem

Na origem, ode é um texto eloquente em forma de versos cujos temas são elevados. Da ode, nascem heróis a partir de eventos biográficos e/ou íntimos. Como uma ode, mas na prosa, o mineiro Luiz Ruffato enaltece a infância — ou as infâncias — das periferias brasileiras. *A cidade dorme* (Companhia das Letras) é a primeira reunião de contos desse autor — todos já haviam sido publicados em jornais, revistas e coletâneas — quase todos curtos, muitos de apenas um parágrafo, que tratam da espontaneidade, da simplicidade e de uma certa esperança da classe média baixa brasileira em constante transformação (cíclica?), do ponto de vista de seus filhos; gente que poderia se entregar às peripécias do destino, mas que “a vergonha empurra pra frente”, como diz o personagem do conto “Água parada”, uma das histórias mais longas, sobre um homem que revê parte de sua trajetória em uma aventura *hippie* interrompida pela violência do regime militar de 1964.

O título sugere certa inocência, emana imagens de recolhimento e silêncio e, ao mesmo tempo, anuncia a expectativa de um novo dia, uma aurora social. Aurora também dos meninos e meninas, jovens e adultos que relembram o alvorecer de suas vidas e protagonizam muitos contos dessa seleção de textos.

O primeiro, cujo nome “Minha Vida” lembra as composições dos primeiros anos de escola (como “Minha família”, “Minhas férias”, etc.), é o relato de um menino sobre a mudança da família do centro da cidade, marginalizado, do casebre alugado no cortiço, para a casa própria no bairro distante, nos idos dos anos 1960, quando a periferia equivalia a sossego, dignidade e recomeço para muitas famílias. O rapazote de pai pipoqueiro e mãe lavadeira, como foram os pais do autor, anuncia que o pai quer torneiro-mecânico para o futuro, trabalhar nas prósperas fábricas de automóveis da Grande São Paulo, expectativa

profissional limite para gente pobre e iletrada e que também foi o pontapé inicial do autor de formação operária, no que pese o teor autobiográfico desta história de abertura.

A emergência do lugar de fala não é novidade na obra de Ruffato, mas irrompe com toda a força, dando voz autêntica a essa horda de trabalhadores, batalhadores, gente que dói, as pessoas invisíveis — eternizadas pelo quadrinista americano e judeu Will Eisner; gente do aperto: cama apertada, casa apertada, ônibus apertado, dinheiro apertado.

Desfilam no livro moleques que jogam pelada, mães com três turnos, travestis, radialistas da madrugada e vítimas do regime militar, afinal, parte do conjunto de textos de cunho social perpassa as décadas de 1960 e 1970, auge da repressão. Mas se no tempo a obra é bem localizada, Ruffato consegue ampliar a paisagem do Sudeste e fazer o leitor com mais de 30 anos, pelo menos, identificar-se com afagos da memória: o aparelho de rádio, com sintonia por botões, de um Chevette; a luz amarela do poste, o campinho das peladas, elementos que suscitam uma rede de lembranças por vezes esquecidas e que unificam um sentido do Brasil perdido no tempo.

A textura é muito simples e direta; muitas narrativas ficam abertas, afinal, nada como um ponto final inesperado para estimular a reflexão e os sentidos. Uma penca delas são cenas avulsas, instantâneos, sem muito passado ou porvir. O conto “O repositório” é a descrição do que alguém observa ao passar por ruas do Centro de São Paulo — um centro que é margem, contraditoriamente sujo e belo, e que aparece em outros contos e remete ao primeiro: o centro degradante do qual a família do menino fugiu.

Exceção é o último texto, pelo tamanho — poderia ser considerado uma novela; pela linguagem — muito mais elíptica que a dos demais contos, e pelo contexto menos social e mais onírico, quase uma parábola: transcendental e apocalíptico como contos de Caio Fernando Abreu, cheio de enigmas, figuras exóticas e perversão, como as histórias de João Gilberto Noll. “A alegria” acompanha um homem errático numa paisagem abandonada e extracotidiana e é um *grand finale* para um livro sobre o humano à margem, que chega ao centro da literatura brasileira pelas mãos do menino torneiro-mecânico, escritor de mão cheia: operário da escrita.

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch